
*Da estigmatização à solidariedade:
atitudes lingüísticas na RCI*

*Vitalina Maria Frosi**

*Carmen Maria Faggion***

*Giselle Olivia Mantovani Dal Corno****

Resumo: A partir de dados coletados em entrevistas orais, este trabalho busca identificar no uso do dialeto de base vêneta na Região de Colonização Italiana do Nordeste do RS (RCI) – marcas de solidariedade, apontadas por Grosjean (2001 [1982]) como a única consequência positiva de atitudes negativas ante a línguas ou variedades lingüísticas desprestigiadas. Pretende-se, assim, corroborar a idéia de que a consciência étnica, resultado da “explosão de italianidade” verificada no final do século XX na região, vem mudando o rumo das atitudes dos falantes da língua minoritária com relação a essa língua.

Abstract: From data collected in oral interviews, this paper aims at identifying in the use of the vêneto based dialect spoken in the Italian Colonization Region in the Northeast of Rio Grande do Sul, Brazil – RCI –, marks of solidarity as defined by Grosjean (2001 [1982]) as the only positive consequence to negative attitudes towards low-prestigious languages or varieties. We intend to corroborate the idea that ethnic awareness, as a result of an explosion of italianicity that occurred in the 20th century in the region, has been changing the attitudes of speakers of the minority language in relation to this language.

Palavras-chave: atitudes lingüísticas, bilingüismo, consciência étnica.

Key words: language attitudes, bilingualism, ethnic awareness.

* Doutora em Educação: Metodologias do Ensino pela UFSCar. Docente e pesquisadora no Departamento de Letras na UCS. Coordenadora do Projeto Estigma. *E-mail:* vmfrosi@ucs.br

** Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRGS. Docente e pesquisadora no Departamento de Letras na UCS/Carvi. *E-mail:* cmfaggio@ucs.br

*** Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRGS. Docente e pesquisadora no Departamento de Letras na UCS. *E-mail:* gomdcorn@ucs.br

Introdução

As atitudes lingüísticas desempenham importante papel na vida dos usuários de uma língua ou de uma variedade lingüística – como um dialeto, por exemplo. Via de regra, quando ocorre uma situação de contato entre línguas, a língua identificada com um grupo de menor poder político, econômico e/ou cultural será a língua minoritária ou estigmatizada, contrastando com a língua majoritária ou de prestígio. Os falantes da língua minoritária são geralmente o grupo mais afetado pelas atitudes de diferentes grupos sociais – na maioria dos casos, atitudes negativas – com relação à língua adotada. As conseqüências das atitudes negativas, segundo Grosjean (2001 [1982]), podem incluir desde a crença dos falantes de que não conhecem bem nenhuma das línguas de que são usuários até a completa substituição da língua minoritária pela majoritária. Uma única conseqüência positiva foi apontada pelo autor: o reforço da lealdade e da solidariedade no grupo desprestigiado.

Grupos de imigrantes, provenientes de diversas regiões da Itália, chegaram ao Nordeste do Rio Grande do Sul, a partir de 1875, e trouxeram consigo seus diferentes dialetos, configurando uma situação lingüística peculiar nessa região. Os imigrantes italianos formavam um grupo étnico numérico, político e economicamente minoritário. O que aconteceu com seus falares regionais ao serem transportados para uma outra nação? Quais foram as atitudes dos luso-brasileiros, detentores dos cargos públicos e representantes do poder na nova pátria, em relação a esses pobres imigrantes? As respostas a essas perguntas ajudarão a compreender a história sociolingüística da RCI do Nordeste do RS, que iniciou em 1875 e festeja, nos dias atuais, seus 130 anos de vida ítalo-brasileira.

História sociolingüística da RCI

A história sociolingüística da RCI do Nordeste do RS pode ser descrita como um processo extremamente dinâmico. Num relativamente curto espaço de tempo, seus habitantes passam de uma situação de plurilingüismo a uma de monolingüismo, de um processo de translação cultural da pátria de origem para uma integração com o país acolhedor.

Tem-se como pressuposto que, nas primeiras décadas da história da RCI, os falantes dessa região não tinham atitudes lingüísticas negativas: em um contexto de plurilingüismo dialetal italiano, eles se

reconheciam como cidadãos pertencentes a um mesmo grupo étnico, enquadrados num mesmo nível socioeconômico-cultural, irmanados na luta pela sobrevivência na terra de adoção. As comunidades rurais por eles construídas abrigavam, portanto, suas falas dialetais italianas num harmônico e homogêneo universo de valores. Como lembra Frosi (1996, p. 161), “não há estigmatização social, não há sentimento de vergonha em relação à própria fala. Os dialetos são, de fato, o instrumento lingüístico normal de comunicação”.

Os contatos com a comunidade luso-brasileira intensificaram-se a partir de 1910, com a inauguração da estrada de ferro que ligava Caxias do Sul a Porto Alegre e com o crescimento econômico da região, resultante da industrialização e comercialização de produtos agrícolas. Além disso, melhorias nas vias de comunicação possibilitaram um maior inter-relacionamento das comunidades de imigrantes e seus descendentes, afetando, de modo importante, também a língua falada, como bem resume Frosi (1996):

Os dialetos menos representados numericamente desaparecem, as ilhas dialetais se preservam, os dialetos do grupo vêneto e do grupo lombardo se interinfluenciam, os dialetos do grupo vêneto se sobrepõem aos demais. Os intercruzamentos dialetais se intensificam, surge uma fala comum, uma coiné, com predominância de características dos dialetos trevisano, vicentino, paduano, feltrino-belunês, trentino, mais [sic] influências dos dialetos lombardos e da língua portuguesa. (p. 161).

Há que se destacar, aqui, também a proximidade com zonas de colonização alemã, que influenciou de certo modo elementos da cultura e o léxico necessário para representá-la.

É inegável o impacto que tiveram os acontecimentos político-administrativos relacionados ao contexto nacionalista instaurado no Brasil na década de 30 sobre comunidades de estrangeiros e seus descendentes no estado e no Brasil. A Campanha pela Nacionalização do Ensino, iniciada oficialmente em 1938, decretou a implantação oficial do “português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização” (BOLOGNINI; PAYER, 2005), período marcado, ainda hoje, na memória de muitos ítalo-descendentes, como uma época de medo e repressão, como bem explica Fáveri (2005):

Em 1939, outros decretos passaram a cercear os direitos civis para quem não matriculasse os filhos em escolas brasileiras, demitindo professores e fechando escolas estrangeiras. Quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo, em janeiro de 1942, a repressão ultrapassou a esfera da escolarização e grassou sobre a população de origem estrangeira: a língua passou a ser criminalizada.

A partir da década de 50, com a diversificação das atividades industriais, a intensificação do crescimento econômico e a projeção da RCI no estado e no País, a crescente população rural passou a buscar mais terras ou novas atividades, o que provocou o início do êxodo rural, com o abandono progressivo da fala dialetal italiana.

Não há dúvidas de que, se os movimentos migratórios internos representam um fator de grande importância nos inter cruzamentos dialetais e na formação da coínê de tipo vêneto, o êxodo rural é, por sua vez, um fator de promoção da língua portuguesa em detrimento da fala dialetal. Aprender a língua, adquirir um bom domínio no uso oral e escrito significou, além da ascensão social, conquista de melhores empregos e, conseqüentemente, ascensão econômica. (FROSI, 1996, p. 163).

Pode-se deduzir que, dependendo das condições socioeconômicas da família, dos tipos de interação com a comunidade luso-brasileira urbana, bem como da importância atribuída à escolarização, diferentes tipos de bilingüismo se verificaram nos indivíduos nascidos nesse período, em muitos casos, a terceira geração nascida no Brasil. Não se pode descartar a hipótese de indivíduos bilíngües precoces, ou seja, que adquiriram, tanto a língua portuguesa quanto a fala dialetal italiana simultaneamente. Hagège (1996, p. 39) lembra que “os avós desempenham, freqüentemente, na educação bilíngüe precoce um papel essencial”. Os pais, já cientes da necessidade do aprendizado da língua portuguesa, podem ter se empenhado em ensiná-la – precariamente que fosse – aos filhos, mas os avós, provavelmente, mantiveram suas falas dialetais originais, permitindo à criança uma dupla convivência e, possivelmente, a aquisição simultânea dos dois sistemas lingüísticos. Não é improvável também que a criança da zona rural que freqüentou a escola,

aprendendo uma realidade estreitamente vinculada ao modo de vida brasileiro, tenha desenvolvido um tipo de bilingüismo coordenado, com cada uma das línguas fazendo referência a um universo cultural diferente, enquanto a habitante da zona urbana tenha tendido a um bilingüismo composto, recebendo simultaneamente a influência da família – especialmente se convivendo com os avós falantes de um dialeto italiano – e da escola e aprendendo ambas as línguas com referência a uma mesma situação cultural.

Assim, tudo leva a crer que, a partir dessa terceira geração nascida no Brasil, os falantes acabaram dominando a intrincada habilidade de fazer escolhas lingüísticas, habilidade que de fato se espera de qualquer falante em qualquer comunidade de fala em uma situação social diferente, levando-se em conta os participantes da interação, da situação, do tópico e da função da interação (TRIPP apud GROSJEAN, 2001, p. 127-128), como descrito:

Num ambiente bilíngüe, que envolve duas ou mais línguas, encontramos uma situação similar, mas mais complexa. Os falantes bilíngües não só escolhem entre diferentes variedades de uma língua, assim como o fazem os monolíngües, como também, quando falando com outros bilíngües, podem escolher entre duas línguas. (GROSJEAN, 2001 [1982], p. 128).

Certamente, além de escolher que língua deveriam ou poderiam falar com quem, esses ítalo-brasileiros produziram muitos enunciados com alternância de código, ou seja, com “o uso alternado de uma ou mais línguas num mesmo enunciado ou conversação”. (GROSJEAN, 2001, p. 145).

É de se supor, também, que esses indivíduos, tornados bilíngües,¹ em última instância, por força da lei, não tenham ficado imunes aos efeitos nocivos da imposição da língua portuguesa e de seu papel nivelador, no sentido de tender a se tornar a nova língua franca. Segundo Frosi (1989, 1996), é justamente na transição do segundo período, a partir dos efeitos da nacionalização e do Estado Novo, agravados com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra a Itália, para o terceiro período, com a aceleração do desenvolvimento econômico, que se encontra o embrião da estigmatização sociolingüística do dialeto de base vêneta.

Como vimos anteriormente, a língua, além de um instrumento de comunicação, é “também um símbolo de identidade social ou de um grupo, um emblema de pertencimento e de solidariedade de um grupo”. (GROSJEAN, 2001, p. 117). As marcas lingüísticas trazidas pelos descendentes de imigrantes – fonológicas, morfológicas, lexicais – certamente os identificavam como um grupo e os distinguiam dos demais. Mas e se essas marcas fossem diferentes do que era considerado o “normal” em relação à língua majoritária?

Estigma

De acordo com Goffman (1988 [1963], p. 1-12), quando um indivíduo tem um atributo que o torna diferente dos outros, talvez menos desejável, ou seja, quando um indivíduo possui um traço que se impõe à atenção e pode afastar as pessoas, que deixam de ver seus outros atributos, estamos em face de um estigma. É comum, diz Goffman, que o estigmatizado tenha as mesmas crenças que os ditos normais têm, desenvolvendo sentimentos de vergonha e autodepreciação: o indivíduo aceita a condição que lhe é imposta, muitas vezes tentando corrigir o atributo distintivo, o que mostra a angústia de sua situação.

Quando o estigmatizado e o normal se encontram em situação de interação, as diferenças aparecem mais, com enfraquecimento do esquema ou arcabouço (frame) usual de interpretação de acontecimentos diários. A relação da pessoa estigmatizada com os normais é tensa, segundo Goffman, às vezes incerta e ambígua. Uma das estratégias é esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estigma.

Encontramos na RCI a presença de um estigma definido exatamente como em Goffman. A bibliografia sobre a linguagem da região (FROSI; MIORANZA, 1983; FROSI, 1987a; FROSI 1987b; DAL CORNO; SANTINI, 1998; PAVIANI, 2005 e muitos outros) menciona não só os traços característicos de tal linguagem (tais como: pronúncia específica de certos fonemas e ditongos, transferências frasais e morfológicas, empréstimos), mas também o preconceito de que é vítima o colono quando essas características o identificam perante o outro.

Além disso, alguns desses estudos permitem constatar que a estigmatização da fala dialetal italiana tem basicamente duas origens: por um lado, ser a língua oficial dá ao português *status* e prestígio, e,

conseqüentemente, à fala dialetal italiana, desprestígio social. Como resultado, tem-se a típica situação de línguas em contato, descrita por diversos cientistas da linguagem, como Grosjean (2001), em que um grupo é política, econômica, cultural e numericamente dominante, e a língua por ele adotada passa a ser a língua majoritária ou língua dominante; por outro lado, paralelamente a esse desprestígio na relação com os falantes de língua portuguesa, ocorre o desprestígio dentro do próprio grupo étnico italiano da RCI: à medida que o ítalo-brasileiro se urbaniza e aumenta seu poder aquisitivo, passa a desprezar o habitante da zona rural – o colono –, focalizando seus modos grosseiros e sua fala carregada de marcas dialetais. (FROSI, 1996, p. 162; 1989, p. 61). É nesse cenário que trazemos algumas reflexões sobre as atitudes lingüísticas.

Atitudes para com línguas e grupos lingüísticos

A palavra *atitude* é originária do latim *aptus*, tendo como correspondente no português *aptidão*. Uma segunda derivação, também do latim, de *actitudine(m)*, *actus*, deu existência, no português, às palavras *ato*, *atitude*, com significados como *ação*, *postura*, *comportamento*.

Atitude, assim, pode ser entendida como a postura que um indivíduo assume diante de algo. Consiste, geralmente, em uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico.

As atitudes para com os indivíduos, conforme nos diz Grosjean (2001), são geralmente transferidas para a língua de que são usuários, e isso tem conseqüências para a sobrevivência dessa língua e para a construção da identidade do indivíduo. Uma atitude lingüística, portanto, consiste em uma postura, ou comportamento positivo ou negativo ante a uma língua ou uma variedade lingüística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro.

Atitudes lingüísticas desempenham importante papel na vida dos usuários de uma determinada língua, com profundos efeitos psicológicos. Essas foram as conclusões a que chegaram diversos estudos realizados por Lambert e associados no Canadá (1960, 1962, 1964, 1966), envolvendo falantes de inglês e de francês, posteriormente reproduzidos em diversos países, como EUA, Peru, Singapura, Suíça e Israel, com resultados semelhantes. (ver GROSJEAN, 2001, p. 118-123). Os estudos também revelam que atitudes lingüísticas tendem a ser afetadas por idade, gênero e *status* socioeconômico.

Os ítalo-brasileiros constituíram até certa época um grupo numericamente minoritário, de menor poder aquisitivo, com menos acesso ao progresso e à cultura, além de, em época de guerra, ter sido visado politicamente, sujeito, assim, a alguma espécie de menosprezo por parte dos lusofalantes. A ascensão econômica de algumas famílias e a vida na zona urbana favoreceram – ou até impulsionaram – o domínio da língua portuguesa, pelos motivos já expostos, colocando esses indivíduos lado a lado com o grupo dominante. Ora, conforme nos diz Grosjean (2001), via de regra, a língua do grupo dominante, a língua de prestígio, é considerada, pela sociedade em geral, mais bonita, mais expressiva, mais lógica e mais capaz de exprimir pensamentos abstratos, enquanto a língua minoritária tende a ser considerada agramatical, empobrecida, rude, tornando-se objeto de ataque. O próprio fato de a língua ser chamada *o dialeto* a menospreza, ao contrapô-la à *língua oficial*. Esses fatos denotam atitudes negativas dos usuários da língua de prestígio, traduzidas em diversas formas de preconceito, julgamentos e estereótipos, geralmente adotados também pelo grupo minoritário.

Conseqüências de atitudes lingüísticas negativas

Grosjean (2001) aponta sete principais conseqüências de atitudes lingüísticas negativas, as quais procuraremos situar na realidade da RCI. As seis primeiras são conseqüências negativas; à sétima, única conseqüência positiva, dedicaremos uma seção especial, ilustrando com dados de pesquisa recente:

- 1) a língua majoritária é aprendida pelos grupos majoritário e minoritário;
- 2) a língua majoritária é aprendida como primeira língua pela segunda geração;
- 3) os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensam saber sobre a(s) língua(s);
- 4) o uso da língua minoritária é mais restrito;
- 5) ocorre a substituição da língua minoritária;
- 6) os falantes temem o risco de revelar aculturação incompleta por empréstimos ou alternâncias de código;
- 7) a consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo.

A aquisição de língua majoritária, o português, pelo grupo minoritário, os ítalo-descendentes, deu-se, primeiramente, como vimos, em função da Campanha de Nacionalização do Ensino e do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, e logo como medida preventiva, adotada pelos pais, para que as crianças fossem menos estigmatizadas ao chegarem à escola brasileira, pois muitos conheciam apenas a fala dialetal italiana, aqui também conhecida como *talian*. Isso não se verificou, provavelmente, antes da terceira geração, e ainda assim com alguma possibilidade de aquisição simultânea das duas línguas. No entanto, a partir da quarta geração, essa aquisição simultânea tornou-se bastante rara, até mesmo em função de a maioria da população de descendentes de italianos residir em zonas urbanas. Até hoje, muitos falantes da RCI revelam acreditar que nenhuma das duas línguas foi “totalmente aprendida”, o que pode ser facilmente explicado. Por um lado, a permanência de traços fonológicos da língua minoritária – o *talian* ou a coiné vêneta – e a alternância de código freqüente, com uso do léxico do *talian*, dão a sensação de conhecimento insuficiente da língua portuguesa. Por outro lado, a inexistência de uma “gramática normativa” do *talian* – impossível de ser recuperada agora, depois de mais de cem anos de transformações – não dá certeza aos usuários sobre o seu conhecimento adequado. Isso se revela em dados de pesquisas e entrevistas, como exemplifica a declaração de um habitante da região, constante na reportagem jornalística “A morte anunciada do vêneta” (TONI, 2005, p. 5): “A gente sempre fala o dialeto. Principalmente em casa e com os amigos. Pra dizer a verdade, eu ainda não aprendi direito o português.” Outro exemplo é trazido pelo suplemento especial do jornal Pioneiro, “130 Anos de Imigração Italiana” (20 de maio de 2005, p. 24): “Nunca aprendi a falar o português bem. Para mim, em casa, a língua sempre foi o italiano.”

A miscigenação natural dos descendentes de imigrantes italianos com os luso-brasileiros e com outras etnias, certamente, é responsável pela redução do número de bilíngües ítalo-brasileiros no estado hoje, além de muitos serem apenas bilíngües passivos (compreendem o dialeto vêneta, mas não o falam). A conseqüência lógica de haver menos usuários de uma língua é que ela tende a ser substituída pela língua do grupo dominante. No caso do *talian*, além da substituição pela língua portuguesa como língua da comunicação urbana, verifica-se a tendência à valorização da variedade padrão do italiano, ensinado em institutos de

idiomas e já em algumas escolas públicas como disciplina adicional. Tudo apontaria para a verificação do que Lambert chama “bilingüismo subtrativo” (apud GROSJEAN, 2001): o grupo dominante pressiona o minoritário para que este seja assimilado o quanto antes.

Na verdade, as comemorações alusivas ao Centenário da Imigração Italiana, em 1975, ofereceram um momento de reflexão que parece ter sido propício para a mudança dos rumos das atitudes dos falantes da língua minoritária para com sua própria língua e etnia. Evidenciou-se, no que foi considerado o início do quarto período da história sociolingüística da RCI, a constatação de que o “crescimento e a expansão econômica da região, seu parque industrial, a moderna tecnologia e tudo o que disto decorre instaura e determina uma nova ordem e um novo universo de valores”, com a assimilação de novos modelos culturais e com o abandono de usos, costumes e “formas tradicionais populares da expressão italiana”, especialmente nos centros urbanos. (FROSI, 1996, p. 165). Nesses 30 anos desde então decorridos, algumas modificações vêm sendo detectadas, como registrado por Manfrói já em 1999:

Hoje, fala-se, canta-se e escreve-se no dialeto vêneto, que virou o orgulho de um grupo que busca, como nunca, a afirmação de sua identidade cultural originária. [...] Em 1975, ano do centenário da imigração italiana em nosso Estado, não existia quase nada disso. [...] Hoje, fala-se por querer, por gostar, por prazer, sem aquela real necessidade do passado. Esta é a grande diferença! Ontem falava-se o dialeto para comunicar-se. Hoje, fala-se o dialeto para preservá-lo. Como se explica esse fenômeno? Será, apenas, um movimento animado por grupos de interesses cultural, religioso ou econômico e do qual o povo não participa, ou trata-se da afirmação de um grupo que resolveu assumir, em definitivo, sua condição de grupo minoritário culturalmente diferente da cultura dominante? (p. 46-47).

Uma conseqüência positiva das atitudes lingüísticas: o reforço da lealdade e da solidariedade

O *Michaelis, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*,² assim define solidariedade: “Condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir no grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora.” Vimos que os primeiros habitantes da RCI tiveram uma situação lingüística de certa forma privilegiada, pois a *italianidade* os unia na solidariedade, mesmo que oriundos de diferentes províncias.

Manfrói (199) lembra que a

Itália que eles amavam, a Itália de tantas saudades, era aquele universo cultural de seus vilarejos, onde a religião católica com seus mitos, leis e fatos ocupava o espaço maior. Essa Itália campesina, simples, católica, eles a reconstruíram nas colônias do Rio Grande do Sul, o que permitiu sua integração. (p. 48).

Já no contato com o luso-brasileiro a situação começou a mudar, criando-se condições para o surgimento não só de diferentes tipos de bilingüismo, como também de preconceitos. Relatos e depoimentos mostram que o bilíngüe que trazia marcas do *talian* na sua fala era alvo de preconceito por parte dos falantes de língua portuguesa ou, pior ainda, por parte dos descendentes de imigrantes que tinham alcançado *status* social e econômico mais elevado. Daí a “dupla marca” e o estigma social. As duas declarações citadas anteriormente como exemplos mostram que as marcas lingüísticas do *talian* na língua portuguesa são interpretadas pelos falantes como algo difícil de ser mudado.

Apesar disso tudo, como procuramos enfatizar até agora, a pressão sobre o grupo minoritário não foi suficiente para que ele desaparecesse. A hipótese que formulamos para sua permanência e revigoração é a solidariedade estabelecida no grupo étnico, que pode se manifestar de diferentes formas. Uma investigação ainda em andamento, no âmbito do projeto ESTIGMA – *Linguagem Oral da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*, permitiu a coleta de importantes dados através de respostas a perguntas abertas e relatos espontâneos de informantes ítalo-descendentes, com nível de escolaridade

superior, habitantes da RCI.³ Através desses dados, foi possível identificar três importantes aspectos da solidariedade:

a) as marcas que estigmatizam também identificam o grupo

Um primeiro aspecto da solidariedade desse grupo étnico é justamente a identificação com os demais ítalo-descendentes marcados pelo preconceito contra sua forma de falar, que se evidenciava em ambientes em que eles eram “não-iguais”. Dados do projeto ESTIGMA ilustram esse aspecto, como veremos nos exemplos 1 a 5.⁴ Em respostas dadas a perguntas abertas, os informantes deveriam avaliar se as pessoas da colônia sentiam vergonha de falar em dialeto italiano ou mesmo em português com marcas do dialeto com outras pessoas. Como resultado, observam-se as reações explicitadas por Goffman (1988): tensão nas relações interpessoais e uso de estratégias para eliminar ou esconder o que seria símbolo do estigma, nos contatos com indivíduos não-portadores do estigma. Deve-se ressaltar, porém, que o fato de os informantes terem nível de escolaridade superior pode explicar a atitude despida de preconceitos que eles manifestam em relação à língua minoritária, apesar de o estigma permanecer na memória.

Ex. 1:

Meu pai era funcionário público, então a gente... Eu nasci em Caxias, mas a gente morou em muita cidade do Rio Grande. Então eu me lembro que uma das dificuldades era que a gente logo era identificado pelo sotaque, né. Então sempre foi uma preocupação assim poder fugir do sotaque italiano, então eu me lembro que a gente se policiava bastante pra não se ver, né, estigmatizado, então havia esta preocupação. Que a gente morou em outras regiões que não eram de colonização italiana, então pegava mal o sotaque, sotacão. (Informante 1)

Ex. 2:

Eu notei isso quando eu fui visitar uma família muito amiga no interior, em Ana Rech, e... a criança fez um pedido pra mãe em dialeto, e a mãe aqui, diante de nós, que éramos da cidade, né, aquela idéia de cidade, então são cultos, então tem que levar em conta isso, e a mãe chamou a atenção da criança dizendo que falasse direito. Ela fez uma

reprimenda na nossa frente, e eu fiz uma reprimenda à mãe, eu disse deixe-a falar como ela está falando, isso aí é uma riqueza da cultura que veio da Itália, né. Chamei a atenção, e a mãe: É, mas não é certo falar assim. Eu disse é certo de qualquer maneira, desde que se exprima bem e se entenda o que ela diz. E ela está fazendo um pedido, você devia estimular esse dialeto aqui em casa. Mas havia vergonha, uma vergonha de estar na frente de *citadini*, né, e falar em dialeto. (Informante 2)

Ex. 3:

Ah! Eu lembro sim. Eu tinha colegas que tinham problemas fonéticos, e eles eram ridicularizados pelos colegas, na sala de aula, né. Isso era uma coisa assim, me dava muita tristeza de ver, porque os colegas ficavam muito constrangidos, aqueles que falavam com forte sotaque dialetal, nem necessariamente italiano, mas aqueles que vinham de região alemã, etcétera e tal, não é? Eu lembro, sim. E as pessoas muitas vezes se recusavam a falar, esses que eram portadores desses problemas fonéticos. Não seria problema, afinal de contas, tomando a língua padrão, a fonética padrão como referência, sim, mas vendo na verdade hoje se discutem as diferenças fonéticas, né. (Informante 3)

Ex. 4:

Não, isso eu sempre, quando eu observei, sempre com muita naturalidade, ainda hoje as pessoas que falam dialeto, quando a gente vai assim nas comunidades rurais, elas falam com naturalidade, eu não percebo que elas, hoje, ainda, seja uma questão de constrangimento entre elas. Talvez o constrangimento possa se estabelecer quando elas fazem a passagem do meio rural para o meio urbano, aí talvez sim, né, talvez sim. (Informante 3)

Ex. 5:

Não, antigamente não. Eles ficavam um pouco atrapalhados quando vinham autoridades, que só falavam português, aí... se sentiam um pouco constrangidos em alguns casos. Eles

sabiam que eles falavam português mal, isso eles sabiam. Tinham consciência disso, que não falavam corretamente, trocavam “g” por “z”, e essa confusão toda que dava, de vez em quando, trocava até o sentido, então o pessoal ria. Então eles sabiam disso, não que tivessem medo, eles eram pessoas de coragem, eles não tinham medo. Em certa oportunidade, um desses soldados, que eu falei antes, amedrontava as pessoas que falavam italiano, ele foi numa festa de igreja na capela lá e levou junto, da sede do distrito, uns três, quatro amigos deles. E começaram a abusar, começaram a prender rapazes, essas coisas todas. E o pessoal se reuniu e disseram pro soldado: ou você sai direitinho, deixa de incomodar, ou hoje você, você apanha. E ele saiu. (Informante 4)

Em resumo, os informantes revelam uma dificuldade comum enfrentada pelos ítalo-descendentes, o esforço por falar *corretamente* diante das *peças da cidade*, mesmo que a linguagem da comunicação do dia-dia seja carregada de marcas dialetais, e as estratégias criadas para (pelo menos) desviar dessa dificuldade. A atitude pode ter mudado hoje com relação às marcas dialetais na linguagem oral, mas a memória do estigma permanece e desperta empatia.

b) Memórias de medo e repressão compartilhadas identificam o grupo

Um segundo aspecto da solidariedade se manifesta quando se recorda o período em que as línguas estrangeiras foram proibidas e a época da Segunda Guerra Mundial. Novamente, mesmo que não tenham vivenciado pessoalmente experiências negativas, os informantes retêm lembranças semelhantes do que seus antepassados viveram, a partir de velhas histórias de família. Isso os une como grupo étnico e reforça atitudes e sentimentos comuns. A recordação da proibição de falar italiano é lembrança constante. A lembrança traumática da guerra continua sendo uma explicação básica para o fato de o italiano ser marcado negativamente. Essas lembranças estão bem-expressas nos exemplos de 6 a 10 a seguir.

Ex. 6:

Bom, um fato que repercutiu em tudo quanto é lugar, é que... entende, em determinado momento, foi proibido falar italiano. Eu sou de 35 e fui à aula com... comecei ir à aula em 1944 e era proibido falar em italiano, então era uma dificuldade né. Porque na escola a gente falava português, a professora obrigava a falar português, claro. Não porque o governo tivesse imposto, mas porque a gente tinha que falar português, então a gente já sabia, compreendia português, mas chegando em casa falava só italiano. E no domingo, a gente se encontrava com os amigos, ia jogar futebol, jogar cartas ou ver os outros jogar cartas. Falava-se sempre em italiano, dialeto italiano. E aí [...] havia pessoas espionando, uma era professora, professora de Montenegro, ela vinha de Montenegro e ela delatava se ouvia alguém, então aparecia lá o policial, né, montado a cavalo, fardado, com aquele fardamento típico dos policiais militares. Ele estava na sede do Distrito, que era Barão, né, hoje é município. Então ia lá e muitas vezes convocava as pessoas e criava problemas, assim, de constrangimento. (Informante 4)

Ex. 7:

Eu acho que a guerra foi um marco, né, porque eu me lembro que a minha avó, inclusive, foi presa. Porque ela foi numa venda, e era proibido durante a guerra falar italiano, e ela não sabia falar, só sabia falar italiano, e... ela passou um ou dois dias na cadeia em função de ela estar falando italiano e era proibido. (Informante 1)

Ex. 8:

Bom, eu me lembro dum fato que aconteceu, quando foi proibida a língua italiana aqui na região, junto com outras línguas, né? Em função da guerra, enfim, um futuro cunhado meu que era noivo de uma irmã minha, estava jogando carta num sábado à tarde numa bodega aí [...] já era proibido falar em italiano, e ele arrumou uma expressão em italiano durante o jogo de carta, e um brigadiano que estava ali botou a mão no ombro dele e levou pra cadeia, porque ele disse duas, três palavras em dialeto, ficou uma semana preso. (Informante 5)

Ex. 9:

Especialmente durante as duas guerras e durante a ditadura Vargas. Por exemplo, durante a ditadura Vargas, que vai de 37 a 45. É verdade que o Brasil estava em guerra, também, mas se criou uma onda de nacionalismo, que era proibido falar o italiano. O meu pai esteve em Bento Gonçalves e ele me disse que lá, fim de 39, disse que estava olhando lá pra uma torre e conversando com um colega dele, [...] estavam falando que era bonita aquela torre, mas só em italiano, em dialeto vêneto. Chega um cara e diz assim: Vem cá, nós estamos no Brasil, e passaram vinte e quatro horas na cadeia, por causa disso aí. Depois, isso se devia à onda de nacionalismo deflagrada pelo governo Getúlio Vargas, mas também pelo fato que logo em seguida, também, e aí foi mais ainda, o Brasil entrou em guerra contra a Itália. (Informante 6)

Ex. 10:

E a gente ficava naquele silêncio, escuro tudo, não podia acender nem um fósforo, aviões em cima, então tu tinha já um clima de guerra naquela época, né, isso antes de terminar a guerra. Então é... eu acho que essa influência levou uns quatro, cinco, seis, oito anos com essa proibição. E eu acredito que até muita gente tenha ficado com vergonha de falar italiano por causa disso também, mais uma variável que deve te influenciado, né. (Informante 7)

Verifica-se, através dos relatos, que são muito significativos, a marca negativa que a Segunda Guerra Mundial deixou na memória da região, que ligou o preconceito ao medo e deu uma base real de necessidade de negação ou encobrimento para as marcas do estigma, por parte do indivíduo estigmatizado. No período da proibição, era preferível não falar a revelar a origem estrangeira pelo sotaque. O estigma permaneceu por longos anos, se não mais por medo de represálias políticas, por medo de “passar vergonha”.

c) O uso da língua como marca de pertencimento ao grupo

Um terceiro aspecto ainda a destacar é o uso do dialeto vêneto como forma de estabelecer empatia, garantir proximidade, reforçar vínculos; em outras palavras, reforçar a solidariedade entre os membros do grupo étnico. Relatos de procedimentos de alternância de código ou

escolhas conscientes pela fala dialetal mostram que os informantes levam em conta também a eficácia da comunicação. Isso pode ser verificado nos exemplos de 11 a 17 a seguir.

Ex. 11:

Ah, eu não falo corrido o dialeto italiano, mas eu assim, como terapeuta, muitas vezes eu vejo que a pessoa é de origem italiana, e até pra estabelecer um bom apoio, até pra estabelecer uma relação mais íntima, né? Eu falo assim *capito e ah, si capita ah, no, no, no l'è così*, e aí diz assim. Então eu noto quando as pessoas são muito inibidas, às vezes que eu sei que falam italiano, pra facilitar a comunicação e pra gente se tornar mais íntimo, sabe? E eu acho que a gente estabelece uma relação de empatia muito mais rápida pra aproximação entre as pessoas, sabe? E às vezes tu vai numa festa de campanha, onde todo mundo fala, tu fala um pouquinho e às vezes encontra uma vovó que vem aqui e precisa ser tratada, então eu tenho que falar com ela em italiano. Sempre que eu atendo pessoas que preferem falar em italiano, eu falo italiano, porque eu acho que facilita a comunicação, sem problema, e eu acho que acontece muito comigo. Ainda. (Informante 7)

Ex. 12:

Com as minhas vizinhas, eu falo com as minhas vizinhas que são egressas da colônia, os maridos delas são caminhoneiros, proprietários de caminhões, e elas conservam a fala italiana. Eu tenho também a minha avó, uma nona, está com 94 anos, minha vizinha mais próxima, com ela sempre falamos em italiano, e com os vizinhos nós falamos bastante italiano, eu falo, eu gosto muito. (Informante 8)

Ex. 13:

Quando vou pro interior, eu gosto de falar dialeto com meus irmãos, e quando chego lá me lembro das palavras. Se começasse a falar italiano agora com você aqui e agora, com vocês duas, eu teria que pensar nas palavras, aqui o ambiente não é de se falar italiano. [...] Se eu estou lá, as frases saem direitinho, porque o ambiente ajuda. (Informante 4)

Ex. 14:

Se chega uma pessoa estranha, a tendência das pessoas é não falar o dialeto, é mostrar que sabem o português. Depois, se eles percebem que a visita dá demonstrações de boa aceitação do dialeto, aí então eles também entram no esquema do dialeto. Então há um cuidado, num primeiro momento, assim. (Informante 9)

Ex. 15:

Bom, eu não deixei de falar o dialeto italiano, falo normalmente até hoje, eventualmente hoje, dia 19, dia do índio, estou com um professor italiano dando um curso, curso de vitivinicultura que eu coordeno, faço a tradução e faço assistência a esse professor da universidade de Torino, e nós acertamos lá que, em vez de falarmos o italiano mais gramatical, nós estamos dando o curso em dialeto. E ele, como tem também uma certa origem vêneta, está tentando se recordar dos termos vênets, e nós estamos dando esse curso aí pra gente da comunidade dos vicultores, e ao pessoal da cadeia produtiva de vinho em Flores da Cunha, estamos dando o curso em dialeto e não em italiano gramatical, porque é a maneira, a melhor forma que nós encontramos de nós, da gente, se comunicar. E isso pra mim conta como uma grande vantagem. Então quem souber o dialeto, a pessoa não deve ter vergonha desse dialeto, deve se orgulhar, e se puder aprender outras formas de comunicação, sejam línguas oficiais ou dialetos, aprende. Sempre um conhecimento a mais. (Informante 10)

Ex. 16:

Ah, eu falo bastante com as minhas vizinhas, que vieram da colônia e moram perto da minha casa. Eu vou muito pras colônias, e eu não permito que elas falem português comigo, eu quero que elas falem sempre em italiano. (Informante 11)

Ex. 17:

Agora, não é muito comum isso, quando eu vou lá pro interior, lá visitar os conhecidos, meus parentes lá, eu...

sempre que eu encontro uma pessoa de mais idade, eu falo em italiano com eles. Porque eles, sobretudo esses italianos mais antigos, quando eles sabem que você estudou, que você viajou, que você conheceu o mundo e você fala em italiano com eles, parece que se estabelece uma igualdade com eles. Eles se sentem valorizados [...] e eles sentem que você é igual a eles, né. Ah, me parece que a língua tem essa força, ela consegue fazer com que as pessoas se situem mais, né. [...] É... então eu, eu tenho feito isso, lá, embora eu tenha uma certa dificuldade porque, pelo não-uso do italiano, do dialeto italiano, a gente vai meio que esquecendo, mas depois de um tempo que a gente engatinha assim, as coisas começam a fluir novamente, e você consegue se expressar razoavelmente, na língua italiana, no dialeto italiano. (Informante 12)

Os exemplos trazidos mostram pessoas que sabem pensar o uso da língua e mostram uma visão madura da interação e da visão das diferenças. Lendo atentamente suas entrevistas, especialmente na riquíssima contribuição do relato espontâneo, percebe-se uma atitude positiva em relação ao dialeto italiano e à fala com sotaque. Mas é possível verificar, também, a memória do estigma. Um preconceito que eles, os entrevistados, não têm, mas do qual podem dar testemunho e lembrança.

Uma nova atitude diante da fala dialeto na RCI: primeiras indagações

A construção da identidade de um indivíduo é um processo contínuo ao longo da vida e é profundamente marcada pelas respostas dadas pelo grupo que o circunda, desde a infância. As atitudes para com a língua de que ele é usuário e para com o grupo sociolingüístico que ele representa podem determinar a sua relação com essa língua, com esse grupo e também com os demais grupos com os quais vai interagir.

Apesar de a análise de dados ainda não ter sido concluída, o que foi observado até agora parece indicar uma mudança de atitudes lingüísticas, de negativas a positivas, em face da fala com sotaque e do dialeto vêneta na RCI. São os próprios entrevistados que sugerem os motivos para tal mudança, como mostram os exemplos 18 e 19 abaixo.

Ex. 18:

Olha, eu acredito que não, eu acho que não tem [preconceito] e eu acredito que a partir de 1975 muitas coisas mudaram com a questão do Centenário da Imigração Italiana. Eu, me parece, que isso daí foi uma data muito marcante, inclusive aqui, na universidade, houve um movimento muito grande de valorização. Então o dialeto, o sotaque, essas coisas deixaram de ser motivo, assim, de vergonha, de algo que tem que ser escondido... e essas coisas passaram a ser uma... como é que vou dizer pra vocês... algo de que se orgulhar. Olha, é o nosso passado, são as nossas raízes e olha o que nós construímos, nós temos mais é que nos orgulhar disso aí. Então me parece que houve uma revalorização. (Informante 8)

Ex. 19:

Porque houve um ressurgimento, houve um momento que se esqueceu quase, começou a esquecer que era descendentes de italianos, mas depois com a comemoração do centenário, da vinda dos italianos pra cá, centenário da imigração, foi festa, e com a questão da dupla cidadania, a visita que alguns fizeram à Itália e outros italianos vieram pra cá, então há um ressurgimento do amor à língua italiana e às tradições. (Informante 4)

Se prestarmos atenção aos demais exemplos dados, poderemos constatar que as mesmas declarações que exemplificam a aceitação da presença do dialeto de base vêneta, o *talian*, e o sentimento de conhecimento insuficiente do português revelam a manutenção da fala dialetal como marca de etnicidade e solidariedade do grupo lingüístico, na família e no grupo social. Hoje percebe-se que essas marcas são dadas como inerentes à cultura local, que não pode excluir suas origens constitutivas. Manifestações diversas revelam iniciativas de explicação e

de preservação da língua (na medida do possível) e principalmente dos costumes dos ítalo-brasileiros.

O universo da RCI se caracteriza pelo biculturalismo – para não dizer multiculturalismo, se forem consideradas as demais etnias que dele fazem parte – e suas marcas são hoje aceitas pelos ítalo-descendentes da RCI, indicando uma superação do preconceito e o reforço da lealdade e solidariedade do grupo anteriormente desprestigiado.

Notas

¹ Cabe ressaltar que os dados hoje disponíveis, colhidos principalmente nas últimas duas décadas, tanto em entrevistas orais transcritas como filmadas, permitem apenas formular hipóteses plausíveis sobre a situação de bilingüismo verificada no passado, uma vez que não há registros suficientes feitos na época que possam comprovar essas hipóteses. Esse é um dos motivos pelos quais a comunidade científica ainda se empenha na realização de projetos de investigação sobre o tema.

² Foi utilizada a edição de 1998.

³ Os dados apresentados foram colhidos em 12 entrevistas conduzidas na primeira etapa do projeto ESTIGMA – *Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e*

estigmatização, em que atuam as autoras. Estão previstas 40 entrevistas, 20 com informantes com idade entre 35 e 50 anos, e 20 com idade entre 50 e 81 anos. Na segunda parte da pesquisa, serão entrevistadas pessoas com graus de escolaridade fundamental e médio.

⁴ As transcrições aqui reproduzidas não têm a finalidade de registrar dados fonológicos ou lingüísticos, mas informações relevantes para a pesquisa. Por isso, foram suprimidas as marcas de aspectos entonacionais e paralingüísticos bem como as de hesitação normalmente presentes numa transcrição. Para os propósitos deste trabalho, também não há necessidade de identificar os informantes; sua identidade está então preservada pela codificação numérica adotada.

Referências

- 130 Anos de imigração italiana. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 20 maio 2005. Caderno Especial.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- BOLOGNINI, Carmen Z.; PAYER, Maria Onice. Línguas de imigrantes. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br>
- DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA e FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS, 9., 1999, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: EducS, 1999.
- DAL CORNO, Giselle O. Mantovani; SANTINI, Mara Suzana. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. In: MANTOVANI, Giselle; ZINANI, Cecil; PRESSANTO, Isabel. *Coletânea Cultura e Saber*, Caxias do Sul, v. 2, n. 1, p. 35-45, 1998.
- DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Enciclopédia das línguas no Brasil*. IEL, Unicamp. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb>. Acesso em: 24 jul. 2005.
- FÁVERI, Marlene de. As línguas proibidas. *Nossa história*. 2004. Disponível em: <http://www.nossahistoria.net/interna>
- FROSI, Vitalina Maria. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socioculturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto. In: LO CASCIO, Vincenzo (Org.). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987a. p. 136-163.
- FROSI, Vitalina Maria. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: MEO ZILIO, G. (Org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987 b. p. 215-236.
- _____. A linguagem oral da Região de Colonização Italiana no Sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário (Org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- _____. L'italiano standard e i dialetti italiani in Brasile. In: MARCATO, Gianna (a cura di). *I confini del dialetto*. Padova: Unipress, 2001.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975. 84p.
- _____. Comunicação lingüística na Região de Colonização Italiana: os dialetos italianos e a língua portuguesa. *Imigração italiana: estudos*. Caxias do Sul: EducS; Porto Alegre: EST, 1979. p. 97-104.
- _____. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EducS, 1983. 525p.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. 11. ed. Cambridge, Massachusetts/London: Harvard University Press, 2001.

- HAGÈGE, Claude. *A criança de duas línguas*. Trad. de Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- LAMBERT, Wallace E. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. XXIII, n. 2, 1967.
- LAMBERT, Wallace E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, 1960.
- MAESTRI, Mario (Org.). *Nós, os italo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- MANFRÓI, Olívio. Imigração e nacionalismo. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA e FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS, 9., 1999, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Educs, 1999.
- PAVIANI, Neires M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Estigma social da pronúncia no ensino do Português. In: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes e ZILLES, Urbano (Org.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 627-634.
- PRESTON, Dennis. Language with an attitude. In: CAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The handbook of language variation and change*. Malden, MA: Blackwell, 1996.
- SANTOS, Salete R. Pezzi dos. O uso da fala dialetal italiana por falantes urbanos como marca de identidade cultural. *Cadernos do I – Instituto de Letras, UFRGS*, p. 29-50, 1998.
- TABOURET-KELLER, Andrée. Plurilingüismo e interferências. In: MARTINET, André (Org.). *Conceitos fundamentais da lingüística*. Trad. de Wanda Ramos. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- TONI, Nádia de. A morte anunciada do vêneto. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 23/24 de jul. 2005. *Almanaque Sete Dias*, n. 245, p. 4-7.
- WILLIAMS, Frederick. Some research notes on dialect attitudes and stereotypes. In: SHUY, Roger; FASOLD, Ralph W. (Ed.). *Language attitudes: current trends and prospects*. Washington: Georgetown University Press, 1973.